

Seminário: BAXANDALL, Michael. O interesse visual intencional: o Retrato de Kahnweiler, de Picasso. In: BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros. A explicação histórica dos quadros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 80-119.

Luís Eduardo Maranhã de Sousa
Vinícius Angelon Scopin

Comentários das professoras:

O seminário está bem estruturado, levantando os principais pontos do texto e fazendo uma boa articulação entre a formação e atuação do autor e sua produção, em especial a do texto analisado. Desta forma, o texto apresentado dá conta de organizar a leitura, separando e identificando tema, objetivo e estruturação dos argumentos, e reconhece a forma do texto, a forma da argumentação de maneira a enfatizar a análise por sobreposição de argumentos desenvolvida por Baxandall e a sua consolidação final. Valeria apenas ter indicado, ao longo do texto, os autores/as que os ajudaram na construção da análise, sobretudo na parte dedicada à vida do autor.

Os comentários que fazemos abaixo, então vão no sentido de aprofundar e destacar alguns aspectos da trajetória do autor e do capítulo em questão que têm relação com os debates levantados nas aulas e com os objetivos do curso.

Sobre o autor, vale destacar sua formação híbrida entre artes visuais (ou história da arte, melhor dito) e literatura, e sua ligação com o Instituto Warburg. Esse trabalho dentro de um instituto de pesquisa e acervo de arte, assim como em museus certamente contribui para sua atenção ao circuito da obra (produção, circulação e consumo – ou comitentes, produção e clientela), algo que outros pesquisadores no campo da chamada história cultural também atentam, notadamente Roger Chartier, mencionado na aula, e que nos interessa aqui no curso.

Sobre a leitura do texto, vocês apontam a escolha do objeto de análise, partindo da ideia de um estudo de caso que permita ao mesmo tempo aprofundar verticalmente, mas também ampliar no horizonte o olhar. A mediação entre a obra e o contexto, nesse sentido, se dá pelo autor – necessariamente inserido em seu tempo, ao mesmo tempo resultado e interprete das condições externas. Mas tanto suas determinações quanto suas interpretações são discutidas por Baxandall busca escapar das relações diretas de causa e efeito.

Nesse sentido, se o “contexto” é recuperado, ele não serve para encaixar o autor da obra, mas justamente para colocá-lo em uma relação crítica, como um agente partícipe dentro desse contexto. Dito de outro modo, a ideia aqui não é reconhecer o contexto para entender as ações daquele determinado ator social, mas nas suas ações reconhecer como o contexto se constituía.

É interessante notar o paralelo entre o que apresentamos na aula de hoje como o sentido duplo da história – o reconhecimento e o relato dos acontecimentos humanos no tempo – e a defesa de Baxandall de que o historiador da arte deve descrever o quadro e ao fazê-lo interpretá-lo. A descrição, como a narrativa histórica, é antes uma representação do que pensamos sobre a obra e/ou o objeto/ período estudado. Mas não uma representação fictícia, e sim uma representação construída a partir de indícios do passado, de fontes documentais e de uma atenção ao “olho do período”, para usar um termo do Baxandall, ou à outillage mental (mentalidade), para usar uma expressão cara aos historiadores dos Annales.